

# Camilo e Camarinha, novos heróis

O presidente Sarney vive uma nova atmosfera de otimismo em relação aos cinco anos de mandato, tendo em vista que a tendência favorável ao parlamentarismo abre espaço a novas e amplas negociações. O único ponto inegociável, no momento, parece ser os quatro anos de mandato, pois a maioria expressiva das opiniões se inclina para eleições ainda este ano. No entanto, à medida em que forem assentadas as condições de implantação do parlamentarismo — mitigado, ou não — e admitida como inevitável sua implantação, espera-se seja plausível a negociação também em torno do mandato, passando a cinco anos, tendo no deputado Ulysses Guimarães o virtual primeiro-ministro.

Essa solução interessa a uma ampla gama de setores, como as Forças Armadas, que não estão preparadas para uma atitude suasória frente a um eventual estado de desordem. Não queriam nem gostariam de intervir. O golpe é um fantasma que ronda os quartéis, arrastando antigos correntes em que a democracia esteve presa: o ministro Leônidas, agora, enverga uma frotilla civilista, e o ministro-chefe do EMFA, brigadeiro Camarinha, torna-se ídolo do funcionalismo desamparado, ao deter o ímpeto dos ministros econômicos para achar os salários. Os militares mudaram muito; só fica faltando Urutu desfilar no Eixo Monumental à guisa de trio elétrico.

A solução dos cinco anos, em que o Planalto confia, também interessa aos governadores que mobilizaram as bancadas

mais fortes na Constituinte. Orestes Quércia é um defensor oculto dos cinco anos. Um presidente paulista terá pela frente, no entanto, um grave obstáculo a superar: a Constituinte deverá aprovar o voto ponderado, que retira de São Paulo o poderio numérico numa decisão que envolva junção de forças regionais no Congresso. Uma aliança entre o Nordeste e outras bancadas do Sul, por exemplo, poderia enquadrar e paralisar a força paulista. Tudo isso será decidido mais à frente, e entrará no bojo das negociações sobre o tempo de mandato.

Trabalham contra o Presidente da República, porém, algumas variáveis perversas: o déficit público incontido, e sem solução pragmática à vista; a inflação que dia a dia sobe quase 5 por cento; o desconhecimento dos credores externos dos novos negociadores brasileiros, o que arrastará ainda mais a contratação de dinheiro novo; e o tempo necessário a que a equipe de Mailson ganhe unidade e eficácia. Quando ganhar, já terá transcorrido o tempo de negociar o mandato presidencial. Então, se o Presidente quiser cinco anos, o gato já poderá tê-lo comido.

Ontem, esse clima de quase desalento era visível na posse do novo presidente do Banco do Brasil. O ex-presidente Camilo Calazans recebe todas as homenagens típicas de um herói dos funcionários, como um Camarinha civil, os novos fenômenos da idade da revolta branca das instituições, da sociedade, da direita e da esquerda, contra o Governo.

CORRÍO BRAZILIENS